

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15401 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 14/GT 17/GT 18 - Movimentos Sociais, Filosofia, Sociologia, Educação Popular e EJA

MULHERES INDÍGENAS E SUAS APROXIMAÇÕES DECOLONIAIS NAS INTERNET  
Bruna Pollyana Almeida da Costa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
Marcos André Ferreira Estácio - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

## **MULHERES INDÍGENAS E SUAS APROXIMAÇÕES DECOLONIAIS NAS INTERNET**

### **Resumo**

O presente trabalho estuda discutir as tomadas de protagonismo indígena pelas representações do ser mulher Sateré-Mawé, a partir das investigações dos discursos midiáticos publicados nos perfis da Associação de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé na internet. A metodologia empregada é qualitativa, com coleta de dados realizada por meio de entrevista narrativa e a construção de um corpus com as publicações – textuais, imagéticas, vídeos, áudios – na rede social pelo identificador @amism\_sateremawe, com apoio do Programa para Análise de Dados Qualitativos (NVIVO) versão 12 – Plus. A análise de conteúdo do tipo temática é realizada com as postagens, que reconstroem práticas identitárias e culturais diversas do povo Sateré-Mawé, veiculadas na web e que alcançam outros espaços de interação e interrelação. O perfil, ativo na plataforma sociotécnica Instagram, integra o nosso *corpus* de pesquisa, no qual, se veiculam às perspectivas teórico-críticas da decolonialidade. Correlacionamos o material audiovisual produzido pela Amism a partir dos aportes teóricos obtidos em Walter D. Mignolo (2020), Aníbal Quijano (2000, 2002, 2005, 2010), Nelson Maldonado-Torres (2010, 2020). E, nas perspectivas das novas ‘redes de mobilização’, Milhomens (2000, 2022, 2023) que (re)afirmam a ocupação-territorialização decolonial através da produção e distribuição nas redes. Considera-se que o trabalho desenvolvido pelas Sateré-Mawé da Amism representa o caráter decolonial dos movimentos sociais étnicos na contemporaneidade das redes. Estabelecendo, portanto, uma conexão epistêmica entre a Educação e Estudos Culturais que contribua para a visibilização destas construções etnociberativistas do ser mulher indígena Sateré-Mawé nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Midia social, Mulheres, Sateré-Mawé, ativismo.

### **INTRODUÇÃO**

O fator da comunicação na sociedade parece ser o mais estruturado sistema de mobilização das relações sociais. Para os movimentos sociais, a comunicação entre as organizações indígenas se realiza através da utilização das ferramentas que possibilitam a transmissão de mensagens de caráter decolonial entre os grupos ativos na sociedade os quais fazem uso da internet com o objetivo de difundir os saberes dos povos da floresta.

Tal modo de comunicação opera por intermédio de linguagens como instrumentos de persuasão e dominação capitalista e colonial presentes desde os períodos de invasão até presente. Essa macro estrutura de dominação opera sobretudo, hoje, através das redes sociais, grandes redes de comunicação digital, entre outras empresas e *bigtechs*, responsáveis pelo alcance das informações em níveis globais, produzem e compartilham textos/hipertextos e discursos ao longo da formação das sociedades e das identidades.

## **METODOLOGIA**

Realizados esses questionamentos, partimos do pressuposto de que as formações identitárias das mulheres indígenas, podem (res)significar as coletividades étnicas de grupos, povos e populações, assim como também, os corpos-existências individuais dotadas de identidades e identificações (re)construídas na modernidade. Essas práticas-ações têm repercutido e contribuído, dentre outras, com as discussões relativas à construção de ações afirmativas eficientes-qualificadas e corrobora com o debate a respeito dos protagonismos de mulheres indígenas nas redes sociais, pois as assumem enquanto um processo educativo-formativo de fundamental importância.

## **PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA**

É nesse contexto que Candau (2013), posiciona as intenções desses movimentos no campo da educação, da interculturalidade crítica e da decolonialidade. Para ela, essas ‘instâncias de socialização’ têm desenvolvido a consciência do modo como são vistos e tratados os povos e as populações indígenas resistentes. E a força dessas instâncias sociais fortalecem o combate aos discursos de ódio que, sem dúvida, geram ações de ódio e produzem ambientes de instabilidades e inseguranças as-aos usuárias-usuários das redes sociais e, sobretudo, para essas pessoas em ambiente de contexto real.

## **RESULTADOS**

A luta dos movimentos indígenas mobiliza a sociedade para o combate à violência política, à violência contra as populações indígenas, às desigualdades sociais, às

discriminações, aos racismos e a outros tipos de opressão. Essas ações de combate às violências e aos preconceitos têm gerado mais informações e mobilizado o público, que utiliza as redes sociais para repudiar e denunciar episódios de violência. Assim, o cenário atual da militância indígena, ou melhor, do etnoativismo e do etnociberativismo, é percebido como um movimento cada vez mais organizado de lutas políticas.

Essas ações são lideradas por pessoas cada vez mais jovens e conectadas às mídias digitais, as quais vêm buscando ocupar, não somente, os espaços virtuais com mais rapidez, mas também construir caminhos outros para a propagação das vozes e dos saberes ancestrais, com a intenção de combater os crimes e denunciar os criminosos. Nesse sentido, ao buscar garantir os seus direitos, configura-se, no interior dos movimentos sociais, um dos mais importantes fatores de mobilização para os grupos étnicos.

Essas questões contribuem com a causa daqueles que lutam pela interculturalidade crítica-decolonial futura e a decolonialidade e interculturalidade crítica já presentes na contemporaneidade. Por isso, convém ter ciência de que a interculturalidade crítica e a decolonialidade, ao contrário do que parece, não nasce nas universidades, mas sim nos próprios movimentos e organizações, nas margens, nas fronteiras, nas frestas.

Para Candau (2013), elas se referem às lutas dos grupos discriminados e excluídos socialmente, os quais constituíram um *locus* da produção intercultural crítica e decolonial para a difusão das suas lutas e demandas. Desse modo, a importância dos movimentos e organizações indígenas, sobretudo com o uso das redes sociais, constitui uma revolução na chamada *mass media*,<sup>[1]</sup> perspectiva pela qual Lemos (2008) tende a denominar de ciberativismo.

Por meio de suas lutas, suas vozes-publicações e suas identidades-identificações imagéticas é possível afirmarmos que a resistência política das mulheres da Amism, que ao lado de importantes lideranças femininas indígenas – como a atual Ministra dos Povos Indígenas –, Sônia Guajajara (imagem a seguir), a partir da atuação do-no perfil da Associação de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé, tem propiciado a visibilização e a promoção dos protagonismos das mulheres indígenas para além de suas terras e aldeias, haja vista que são tecidos e ocupados novos espaços-tempos, bem como (re)construído (inter)relações-interações, identidades-identificações e (re)afirmações sobre seus modos de ser Sateré-Mawé no território da internet.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, consideram-se as manifestações discursivas das mulheres Sateré-Mawé

em sua rede social (@amism\_sateremawe) como um exemplo desse representacionismo. Em outras palavras, coloca-se em questão a problematização do ser Sateré-Mawé e da mulher Sateré-Mawé no ciberespaço, no mundo, no Brasil, na Amazônia e em Manaus; enfim, nos pluriversos espaços e tempos.

Ao analisarmos, com base nos pressupostos teóricos discutidos-assumidos, o corpus de pesquisa de imagens coletados, as construções analíticas iniciais apontam que o social e o cultural estão ‘materializados’ nos inúmeros discursos – textuais e imagéticos – os quais, por sua vez, geram efeitos ideológicos sobre as relações sociais, ações interacionais, nos conhecimentos e crenças, nas atitudes e nos valores, nas identidades-identificações dos povos e populações indígenas no Brasil, pois (re)afirmam suas existências, pertencimentos, modos de vida, cosmologias, saberes...

O trabalho com as imagens publicadas na rede social @amism\_sateremawe contribuiu para essa tomada de informação-consciência sobre tais processos-construções. Destacamos também que as construções imagéticas analisadas apontam-afirmam representações, significados, culturas, identidades-identificações, movimentos e mobilizações que estão se constituindo, social e virtualmente, em redes de mobilização, a partir da formação-utilização da comunicação em perspectiva intercultural crítica e decolonial e do uso da linguagem cibernética para ressignificar-visibilizar povos e populações estigmatizadas, discriminadas, racializadas e estereotipadas pela sociedade que se pretende hegemônica e superior. Isso aponta para um momento histórico de mudanças nas estruturas tidas por sólidas e imutáveis, frente à atuação comprometida e articulada de etnoativistas e etnociberativistas.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-63.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento - Evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-36

BAZELEY, Pat. **Qualitative data analysis with Nvivo**. London: Sage Publications, 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e educação na América**

**Latina:** uma construção plural, original e complexa. Curitiba, Revista Diálogo Educação, 2010.

CANDAU, Vera Maria. MOREIRA, Antônio Flávio Moreira. **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade pensamento de fronteira e colônia global. In. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo, Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade. 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. BERNARDINO-COSTA, Joaze. Grosfoguel. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte, Autêntica, 2020

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020.

MILHOMENS, Lucas. **Comunicação, questão indígena e movimentos sociais:** reflexões necessárias. Alexa Cultural, São Paulo: EDUA, Manaus, 2022.

MILHOMENS, Lucas. ESTÁCIO, André, MILENA, Barroso. **Amazônia**: mosaico de reflexões interdisciplinares. Manaus: Editora Valer: UEA Editora, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES; Suely Ferreira Deslandes Romeu Gomes. Pesquisa Social: **Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES; Suely Ferreira Deslandes Romeu Gomes. Pesquisa Social: **Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

QUALITATIVE SOLUTIONS RESEARCH (QSR). **NVivo**: o software nº 1 para análise qualitativa de dados. Disponível em: <http://www.qsrinternational.com/nvivo-portuguese>. Acesso em: 17 ago. 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Editora CLACSO/UNESCO, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder globalização e democracia. **Novos Rumos**. n. 37. 2002.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Ed. Parábola, 2003.

---

[1] Tradução: mídia de massa.